

## DOSSIÊ: A 'POLI-PERIFERIA' E O 'GIRO PERIFÉRICO' NOS ESTUDOS URBANOS

### RESENHA: A ESPOLIAÇÃO URBANA, ONTEM E HOJE, DENTRO E FORA<sup>1</sup>

### REVIEW: URBAN SPOILIATION, YESTERDAY AND TODAY, INSIDE AND OUTSIDE

Matthew A. Richmond\*

\*Newcastle University, Escola de Geografia, Política e Sociologia, Newcastle, Reino Unido

KOWARICK, L. *Urban Spoliation*. English edition. São Paulo: ABCP: CEM, [1979] 2024.

Os diversos artigos publicados no dossiê *A 'poli-periferia' e o 'giro periférico' nos estudos urbanos* evidenciam que importantes mudanças estão em curso nos debates sobre periferias urbanas, tanto no âmbito nacional como internacionalmente. No Brasil, a mudança de nomenclatura usada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para se referir aos territórios populares (Giannella; Catalá, 2025) e o trabalho da recém-criada Secretaria Nacional de Periferias (SNP) (Simões; Medeiros, 2025) são dois exemplos, muito visíveis, de um fenômeno mais amplo: a concretização de demandas de longa data, por parte dos moradores e organizações oriundas das periferias urbanas, em termos de maior reconhecimento e representação institucional. Simultaneamente, os artigos de Ren (2025), Lindón (2025) e Mabin (2025) mostram que existe grande interesse em periferias urbanas em outros países e regiões do Sul global, como espaços urbanos em processo contínuo de transformação e como fontes de teorização sobre a cidade e a sociedade mais amplas. Esses debates estão se desenvolvendo em contextos e idiomas diversos, mas é claro que existem amplo apetite por trocas que atravessam essas fronteiras e, inclusive, o desejo de aprender sobre esse tema junto à grande produção brasileira.

Em ambos os sentidos, é propício que a publicação do dossiê coincida com a publicação da primeira tradução para o inglês de um clássico dos estudos urbanos brasileiros: *A Espoliação Urbana*, de Lúcio Kowarick, publicado no Brasil em 1979. A própria existência da SNP e a postura atual de algumas outras instituições do

---

1. Esta resenha foi adaptada do prefácio feito por este autor para a edição inglesa do livro, vertida para o inglês por ele.

Estado em relação aos territórios populares contrastam fortemente com o contexto autoritário em que Kowarick produziu o livro e oferecem *insights* relevantes das enormes mudanças pelas quais o país passou nos últimos 45 anos. No entanto, a frequência com que *Espoliação* continua a ser citado (inclusive nesse dossiê) indica que ele ainda ajuda a entender elementos importantes da realidade urbana brasileira de hoje. Mas, apesar dessa enorme influência no Brasil e na América Latina, o livro ficou pouco conhecido fora da região. Claro, sua publicação data de uma época em que os livros eram escritos com máquinas de escrever, circulavam pouco e eram raramente traduzidos (Marques, 2024). Contudo, num momento em que parece possível promover debates urbanos internacionais menos dominados por vozes do mundo anglófono e do Norte global, a inexistência de uma tradução inglesa de *Espoliação* parecia perversa. Foi esse incômodo que motivou o projeto de traduzir e publicar esse livro em parceria com a Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP) e o Centro de Estudos da Metrópole (CEM).

Infelizmente, não tive a oportunidade de conhecer Lúcio Kowarick. Mas, como tradutor desse livro, senti que passei meses na companhia dele e de suas ideias. Eu argumentaria que não existe leitura mais atenta do que a tradução cuidadosa. O desafio de tornar compreensíveis ideias e formulações extremamente situadas em face de barreiras linguísticas, culturais e epistemológicas exige um esforço mental intenso (e, mesmo assim, os resultados nem sempre são totalmente satisfatórios). Ao mesmo tempo, o ato quase mecânico de traduzir passagens mais simples permite o espaço mental para reflexões sinuosas sobre o que realmente está sendo dito. No final, sai-se com a sensação de ter participado de uma conversa – e, às vezes, de uma negociação – extensa, abrangente e animada com o autor. Eu gostaria de compartilhar algumas reflexões sobre essa “conversa-negociação”.

Li *Espoliação* pela primeira vez durante um período como pós-doutorando em São Paulo, enquanto realizava trabalho de campo na Zona Leste da cidade. Imediatamente, senti que o livro mudou a maneira como eu enxergava esse contexto. Era o final da década de 2010, e as condições, em São Paulo e no Brasil, eram muito diferentes das que Kowarick havia analisado quase quatro décadas antes. Na época de sua escrita, o país estava sob o domínio de uma ditadura civil-militar, em que a repressão e a censura moldavam não apenas o clima intelectual em que ele trabalhava, como também sua análise dos processos urbanos. Para Kowarick, o autoritarismo era a chave que explicava por que, no contexto do chamado “milagre brasileiro”, da expansão industrial e do crescimento impressionante do PIB, os centros urbanos estavam se tornando ainda mais segregados, menos planejados e menos atendidos por serviços públicos, além de exibirem condições cada vez mais severas de pobreza e precariedade habitacional nas suas periferias e favelas.

Kowarick argumentou que o Estado autoritário estava no cerne desse paradoxo, por meio de seu papel como facilitador da extorsão sistemática dos trabalhadores urbanos, tanto no ponto de produção como em suas condições de reprodução social urbana. Ou seja, a ditadura reprimiu e cooptou os sindicatos e outras formas de representação dos trabalhadores, impedindo-os de exigir melhores salários e condições de trabalho, ao mesmo tempo que negava aos moradores dos bairros populares os serviços de consumo coletivo que poderiam pelo menos atender a suas necessidades básicas na cidade – o que ele chamou de “espoliação urbana”. Dessa forma, os custos da reprodução social do trabalho sob o “capitalismo selvagem” da semiperiferia foram repassados aos trabalhadores, a suas famílias e comunidades, enquanto os lucros foram apropriados pela classe capitalista.

Grande parte do livro é dedicada à análise de como esse sistema de espoliação urbana operava e à exposição de suas consequências desastrosas, à medida que os corpos e as esperanças dos trabalhadores eram esmagados sistematicamente pelo capitalismo brasileiro. Entretanto, ao longo do livro, e em particular no capítulo final, Kowarick identifica possíveis mudanças no horizonte. O movimento sindical estava se tornando cada vez mais ousado, organizando-se fora dos limites estreitos impostos pelos generais. Nas periferias urbanas, os movimentos e associações de bairro estavam vocalizando demandas por melhorias urbanas. A visão altamente estruturalista de grande parte do livro dá lugar a um historicismo cautelosamente esperançoso, enfatizando o potencial da agência coletiva.

Claro, não há contradição aqui – essa é uma formulação central à tradição marxista<sup>2</sup>. Porém, a mudança de tom aponta para uma conjuntura emergente no final dos anos 1970. Dez anos após a publicação do livro, o Brasil teria uma nova Constituição Cidadã e um Partido dos Trabalhadores (PT), liderado por um líder sindical, que perderia por pouco na primeira eleição presidencial democrática realizada sob o sufrágio adulto universal. Luiz Inácio Lula da Silva continuaria tentando e, eventualmente, conseguiu se eleger em 2002.

Mas, se o final dos anos 1970 mostrou os sinais embrionários de uma nova era, o final dos anos 2010, parecia que em si ela poderia estar acabando. O Brasil havia se beneficiado de três décadas de democracia e de mais de uma década de governo nacional do PT. Muitos efeitos positivos disso eram visíveis nas principais

---

2. Mais tarde, Kowarick (2020) identificaria uma tendência ao “dedutivismo estrutural” no *Espoliação*, segundo o qual o potencial das lutas urbanas e políticas é interpretado com base nas determinações macrosociais. Partindo do trabalho do historiador E. P. Thompson, ele chegaria depois a atribuir mais importância às experiências, à produção de significados e à mediação organizacional para moldar as subjetividades e demandas das classes populares. KOWARICK, L. Sobre a construção de um instrumento de análise. *Novos Estudos Cebrap*, v. 39, n. 3, p. 567-576, 2020.

idades, especialmente nas favelas e periferias. O saneamento básico estava presente em boa parte dos bairros periféricos, pelo menos nas cidades mais ricas, como São Paulo. Muitas casas e bairros autoconstruídos estavam altamente consolidados e intercalados com habitação social subsidiada pelo Estado. Saúde, educação e assistência social eram muito mais acessíveis, mesmo que a qualidade e a cobertura desses serviços ainda variassem enormemente entre estados, cidades e bairros. E o comércio popular fervilhava nas periferias, produto de um crescimento impulsionado pelo consumo e fundamentado em um salário mínimo crescente.

Essas mudanças pareciam indicar que os elementos básicos da formulação proposta por Kowarick em 1979 não existiam mais sob as condições de democracia e com uma sociedade civil autônoma, em que havia uma redistribuição mínima dos lucros do crescimento econômico. Contudo, mesmo no auge do *boom*, nem tudo estava bem. Um contingente importante da população urbana permaneceu amplamente excluído dos ganhos moderados desse período. Mesmo entre os trabalhadores que viram suas rendas aumentarem, o emprego se tornou mais precário com a transição para uma economia baseada no setor dos serviços. Nas grandes cidades, a especulação imobiliária se intensificou, com frequência acompanhada pelo deslocamento dos pobres de regiões valorizadas para territórios periféricos. Essas pressões impactaram sobretudo os moradores de favelas, que, apesar da criação de legislação protetora, permaneceram vulneráveis diante da remoção sumária. Enquanto isso, o aumento no número de veículos privados e a precariedade do transporte público fizeram com que os tempos de deslocamento das periferias aos locais de trabalho continuassem a aumentar. Não é coincidência que o custo alto e a qualidade ruim do transporte público – elemento central da análise de Kowarick – engatilharam uma intensa explosão de protesto com as Jornadas de Junho de 2013.

Logo depois, a crise econômica global chegou ao Brasil e as condições de espoliação urbana se deterioraram rapidamente, assemelhando-se ainda mais ao diagnóstico original de Kowarick. As forças políticas reacionárias burlaram os processos democráticos para derrubar o governo de Dilma Rousseff e implementaram um programa devastador de austeridade. O desemprego aumentou, os serviços públicos foram precarizados, e, nas cidades, a precariedade habitacional e a população em situação de rua dispararam. Em seguida, em 2018, Jair Bolsonaro, um ex-militar de baixa patente e apologista da ditadura, ascendeu à presidência e escolheu a sociedade civil organizada e as forças da esquerda entre seus muitos alvos de ataque. A democracia brasileira sobreviveu à presidência de um mandato de Bolsonaro, machucada, mas não quebrada. Contudo, essa experiência revelou que o impulso autoritário de reprimir a organização e a representação popular, que Kowarick havia explicado de forma tão potente, permanecia muito vivo.

Os muitos urbanistas brasileiros proeminentes que Kowarick inspirou e orientou ao longo dos anos enfatizaram a importância duradoura de seu corpo de trabalho, e de *Espoliação* em particular. Eduardo Marques argumentou que esse livro “marcou a origem da sociologia urbana brasileira propriamente dita” (Marques, 2017, *n.p.*). Após a morte de Kowarick, em 2020, Gabriel Feltran, Vera Silva Telles e Daniel Hirata afirmaram a relevância desse estudioso para a compreensão da estrutura das cidades brasileiras na atualidade: “A espoliação urbana continua viva. No livro principal de Lúcio Kowarick [...], nosso mestre mostra que não há crescimento desordenado, nem caótico, nas cidades brasileiras. [...] A aparente desordem de nossas cidades tem uma lógica clara” (2020, *n.p.*). Conforme já mencionado, a frequência com que *Espoliação* continua a ser citado ainda hoje é prova da força e da resiliência dos seus argumentos.

Mas, como qualquer grande obra, *Espoliação* também é um texto vivo que pode ser continuamente relido e reinterpretado. Relendo-o por meio da “conversa-negociação” da tradução, fiquei impressionado com vários aspectos que havia ignorado em leituras anteriores. O livro é especialmente celebrado por seus capítulos mais “teóricos” – “A lógica da desordem”, “Autoconstrução de lares e espoliação urbana” e “A favela como fórmula de sobrevivência”. Isso parece estar relacionado a uma divisão implícita de trabalho disciplinar (e provavelmente de gênero), segundo a qual Kowarick seria considerado um teórico urbano, enquanto antropólogas contemporâneas, como Eunice Durham, Ruth Cardoso e Janice Perlman, seriam etnógrafas urbanas. Essa divisão faz um desserviço não apenas às contribuições teóricas dessas pesquisadoras importantes, como também aos capítulos etnográficos extremamente ricos e cuidadosamente construídos de *Espoliação*, “Nos barracos da Cidade Jardim” e “Os cidadãos da Marginal”. Embora Kowarick tenha organizado, como ele mesmo reconhece, esses capítulos sobretudo pelo prisma do trabalho, à custa de outros aspectos igualmente importantes, o autor também permite que seus interlocutores – e os próprios lugares onde realizou suas pesquisas – falem por si mesmos. No capítulo 7, o entulho do aterro, lentamente se aproximando dos moradores do “buracão”, assombra o texto e fornece uma metáfora poderosa da violência lenta e implacável que permeia o livro.

Hoje, o foco primordial de Kowarick na questão do trabalho pode dar a impressão de uma leitura marxista ortodoxa e ultrapassada das dinâmicas urbanas. No entanto, é relevante lembrar que o foco que ele também dá a questões como o consumo coletivo, a reprodução social, lógicas de expansão periférica e organização popular representou respostas importantes e inovadoras não apenas à teoria da modernização, como também a abordagens muito mais restritas da urbanização latino-americana dentro da tradição da teoria da dependência centrada na

noção de “marginalidade”. Além disso, mesmo que não as teorize explicitamente no *Espoliação*, pode-se detectar sua grande curiosidade em relação a outros temas que se tornariam mais centrais nos debates urbanos nas décadas seguintes, tais como desigualdades de gênero, práticas informais de reciprocidade e organização coletiva, a produção material do ambiente construído em espaços precariamente regulados e os mundos subjetivos e emocionais dos que habitam as margens urbanas. Kowarick exploraria esses e outros temas ao longo de muitas décadas de trabalho, ainda que sempre mantendo e desenvolvendo as ideias-chave que expôs de forma mais nítida em *A Espoliação Urbana* (1979).

Por todas essas razões, a influência de Kowarick continua palpável no campo dos estudos urbanos brasileiros e significativa em toda a região latino-americana. Mas, conforme mencionado, seu nome aparece pouco na produção científica em inglês sobre as cidades brasileiras, e muito menos em debates urbanos mais amplos. Isso é incômodo num momento em que é comum ouvir, no campo dos estudos urbanos anglófonos e do Norte global, demandas para “descolonizar o conhecimento” e “teorizar a partir da periferia”. Na realidade, parece que a tendência ainda é de querer fazer isso em termos preestabelecidos por essas próprias vozes. O projeto de verter *Espoliação* para a língua inglesa é um pequeno gesto para insistir em que essa promessa seja realmente cumprida. O dossiê *A ‘poli-periferia’ e o ‘giro periférico’ nos estudos urbanos* – que busca criar um espaço não só para debater as mudanças e continuidades nas periferias urbanas brasileiras, mas igualmente de conectar esses debates com aqueles que estão em curso em outras regiões do mundo – é outro. Num momento tão propício para escutar vozes e idiomas múltiplos sobre esse tema tão importante, os editores do dossiê convidamos leitores e leitoras a também participar desta empreitada.

## Referências

FELTRAN, G.; TELLES, V.; HIRATA, D. Lúcio Kowarick foi pioneiro em expor a lógica entre crescimento e pobreza. *UOL*, 26 ago. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/08/26/a-atualidade-de-lucio-kowarick-in-memoriagem.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 17 jul. 2024.

GIANNELLA, L. de C.; CATALÁ, L. S. Favelas e Comunidades Urbanas: a nova nomenclatura adotada pelo IBGE e o retrato da diversidade desses territórios. *Revista brasileira de estudos urbanos e regionais*. V. 27, E202532, 2025. DOI: <https://doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202532>.

KOWARICK, L. *A Espoliação Urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

- LINDON, A. Las periferias vividas: cronotopos, biografías territorializadas y temporalidades. *Revista brasileira de estudos urbanos e regionais*. V. 27, E202531, 2025. DOI: <https://doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202531>.
- MABIN, A. Periferias africanas e as circunstâncias brasileiras. *Revista brasileira de estudos urbanos e regionais*. V. 27, E202530, 2025. DOI: <https://doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202530>.
- MARQUES, E. *A Espoliação Urbana* e o campo dos estudos urbanos no Brasil. *Blog Novos Estudos Cebrap*. São Paulo. Disponível em: <https://novosestudos.com.br/a-espoliacao-urbana-e-o-campo-dos-estudos-urbanos-no-brasil%C2%B9/#gsc.tab=0>. Acesso em: 17 jul. 2024.
- MARQUES, E. Preface. In: KOWARICK, L. *Urban Spoliation*. English edition. São Paulo: ABCP: CEM, 2024.
- REN, X. Repensando o urbanismo do Sul a partir da periferia. *Revista brasileira de estudos urbanos e regionais*. V. 27, E202533, 2025. DOI: <https://doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202533>.
- SIMÕES, G.; MEDEIROS, J. As periferias urbanas como ambiente fértil para mudanças sociais. *Revista brasileira de estudos urbanos e regionais*. V. 27, E202524, 2025. DOI: <https://doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202524>.

### **Matthew A. Richmond**

Professor de Geografia Política na Escola de Geografia, Política e Sociologia na Newcastle University. Doutor em Geografia Humana pelo King's College London, mestre em Ciências Sociais pela Cambridge University e graduado em História pela London School of Economics. Foi Leverhulme Trust Research Fellow na London School of Economics e pesquisador de pós-doutorado na Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Presidente Prudente (SP), e no Centro de Estudos da Metrópole, em São Paulo (SP). Pesquisa diversos temas, como urbanização, governança, segurança, subjetividade, geografia eleitoral e ecologia política, com foco nas cidades latino-americanas. Autor de diversos artigos publicados em revistas científicas e co-organizador de dois livros e quatro dossiês, é secretário do Latin American Geographies Research Group da Royal Geographical Society, no Reino Unido.

**Email:** matthew.richmond@ncl.ac.uk

**ORCID:** 0000-0002-1563-3615

**Submissão:** 20 de janeiro de 2025.

**Aprovação:** 22 de fevereiro de 2025.

**Editores da RBEUR:** Maria Encarnação Beltrão Sposito e Everaldo Santos Melazzo.

**Editores do Dossiê:** Matthew A. Richmond, Patrícia Maria de Jesus e Jean Legroux.

**Como citar:** RICHMOND, M. A. Resenha: a Espoliação Urbana, ontem e hoje, dentro e fora. *Revista brasileira de estudos urbanos e regionais*. V. 27, E202534, 2025 DOI: <https://doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202534>.

Artigo licenciado sob Licença Creative Commons CC BY 4.0.

[https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)